

A22151

MEDOS MAIS TRADICIONAIS E ATÉ INFANTIS, COMO DE FANTASMA E INSETOS, REGISTRARAM UM PERCENTUAL PEQUENO, COMO O MEDO DA MORTE, QUE CHEGOU A 30%

Violência é o maior medo do capixaba, diz pesquisa da Futura

É o que disseram 92% das pessoas ouvidas. Depois, vêm medo de ficar sem dinheiro e de doença

no dia-a-dia das pessoas”, avalia Felipe.

INSTINTO. Para o coordenador do curso superior de Tecnologia em Gestão da Segurança Privada da UVV, Alessandro Daros, as pessoas estão reagindo automaticamente, através do medo – um instinto básico de qualquer animal – a essa nova vida pautada pela violência.

“A gente tem um problema hoje que não é de polícia. A violência está disseminada na sociedade. Existe uma concentração de renda muito grande e o reflexo disso, é que um aumento no número de pessoas atuando no campo da criminalidade”, explica o professor.

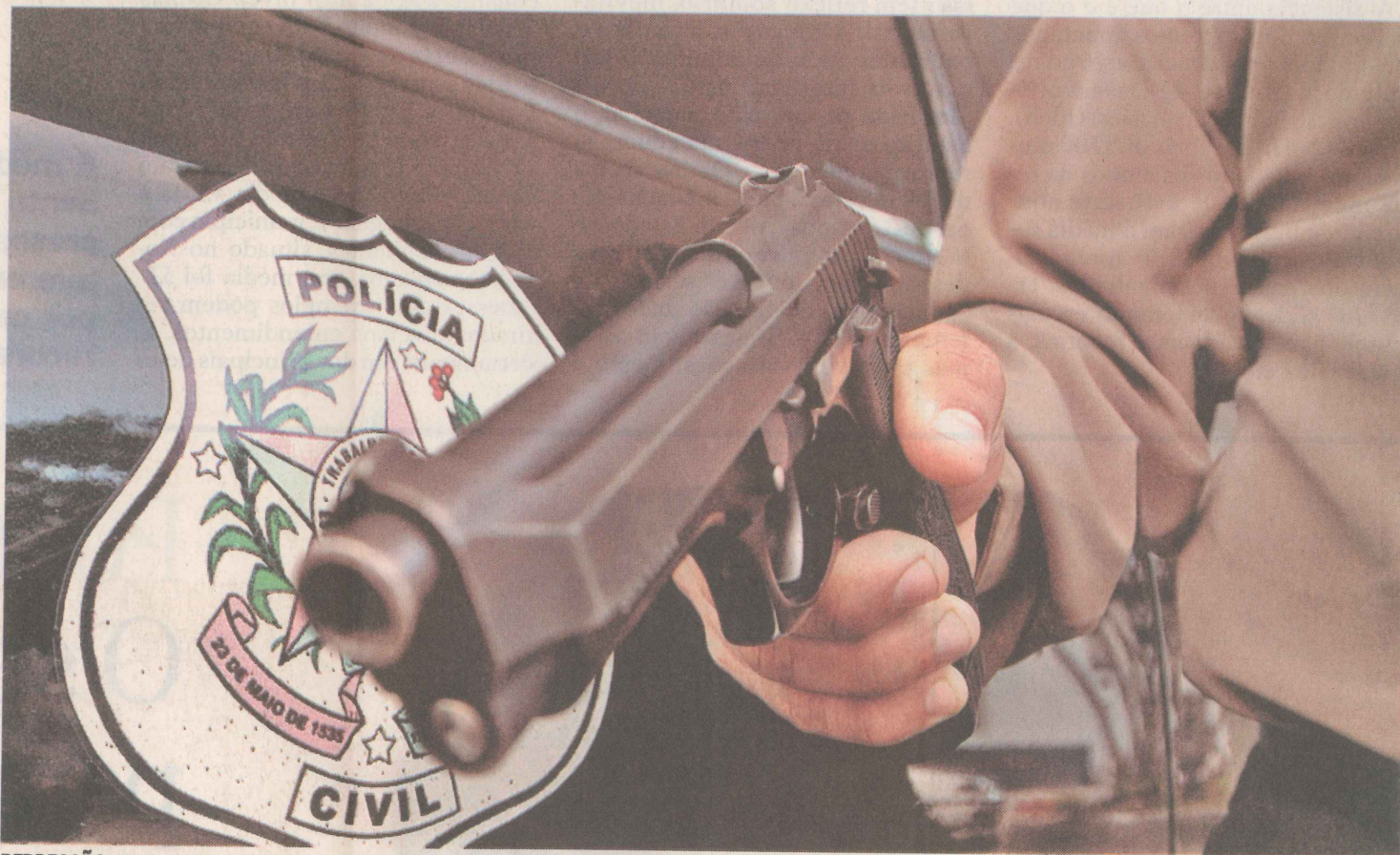
Segundo ele, um outro reflexo disso é a banalização da violência. “É comum as pessoas pensarem em pegar um revólver, é muito simples. A gente vê isso nos filmes e até nos desenhos infantis. A popularização da cultura da violência acaba dando condições de existência de uma criminalidade que já era latente e que acaba ficando mais fácil de acontecer”, analisa. “O próprio modo como a nossa sociedade está organizada contribui para isso. O

TATIANA WUO

twuo@redegazeta.com.br

O mundo moderno produziu mudanças em paradigmas fundamentais para a vida em sociedade. Em tempos de seqüestros, balas perdidas, assaltos e rebeliões, é a violência o maior medo que assombra a população.

É o que indica a nova pesquisa da Futura sobre medos. De acordo com os dados levantados pelo instituto, 92% dos capixabas têm medo da violência. “Esse é um tema relevante e que merece atenção especial. Isso porque a violência aparece como principal medo em todas os segmentos da pesquisa, generalizada, independente do lugar de moradia, sexo ou renda”, explica o analista de pesquisa, Felipe Salles.



REPRESSÃO. Policiais sempre apreendem armas usadas por bandidos em diversos tipos de crime. FOTO: GABRIEL LORDÉLLO

Mulheres assumem ter medo de amar

mentos da pesquisa, generalizada, independente do lugar de moradia, sexo ou renda”, explica o analista de pesquisa, Felipe Salles.

Na seqüência, aparece o medo de ficar sem dinheiro, com 76%, o de doenças, 73,4% e o de acidentes de automóveis, 76,4%. O curioso é que o novo modo de vida fez com que até o medo da solidão (62,7%) ficasse à frente do fantasma do desemprego (62%).

“Os medos mais tradicionais e até infantis, como de fantasma e insetos, registram um percentual muito pequeno, como o medo da morte que chegou a 30%, por exemplo. Isso comprova uma mudança nas preocupações e

tente e que acaba ficando mais fácil de acontecer”, analisa. “O próprio modo como a nossa sociedade está organizada contribui para isso. O capitalismo é, por si só, um sistema violento”, completa.

O NÚMERO

47%

É o percentual de capixabas que têm medo de ficar loucos. Desses, 31,59% têm muito medo e 15,42% têm pouco medo.

Medo, um instinto necessário

Desde quando o mundo é mundo, o medo faz parte da vida em sociedade. “É preciso existir o medo porque, se eu tenho medo, eu me preservo. É um instinto de sobrevivência ao qual demos o nome de medo”, explica Alessandro Daros. De acordo com o especialista, o medo é necessário para tentar evitar uma situação de perigo. “É como deveria agir a segurança pública, que hoje funciona de modo repressivo, como se estivesse apagando incêndios em vez de evitá-los”, critica. Para Alessandro o problema da criminalidade não é policial, é social. “As pessoas têm medo da violência, mas de qual violência estamos falando? Existem diversos tipos”, afirma o especialista referindo-se à violência doméstica e familiar e à corrupção na política.

ANÁLISE

Márcia Rodrigues

Concentração

No nosso país, os êxodos rurais geraram grandes índices de concentração nas cidades dos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba. Isso aconteceu na década de 70 quando cresceu o número de saídas do homem do campo para as cidades. Quando se concentram muitas pessoas com desigualdades grandes (não só econômicas), isso gera uma tensão na cidade. A incerteza e a insegurança acabam criando um homem urbano extremamente estressado. O clima de medo, potencializado pelos meios de comunicação, levam à agressividade, medo do outro. As pessoas querem ir morar em um condomínio fechado, não falam com estranhos. Essa é uma síndrome da sociedade contemporânea. Vivemos uma reedição de uma ideologia baseada na perfeição, e nos tornamos intolerantes a tudo aquilo que não segue o que e tido como ideal.

Márcia Rodrigues Professora doutora do departamento de Ciências Sociais da Ufes

Mulheres assumem ter medo de amar

Elas também demonstram ter medo de espíritos e fantasmas, insetos e animais

O medo da violência registrado pela pesquisa da Futura abre espaço para discussões sobre o tema. É importante ressaltar que a pesquisa entrevistou 402 pessoas de diversas faixas etárias dos municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. Os números mostram que

entre as mulheres esse medo é maior. “De um modo geral, as mulheres são mais medrosas, ou pelo menos admitem ter mais medos que os homens”, explica o analista de pesquisa, Felipe Salles.

Entre os temas verificados pela pesquisa, as mulheres demonstram ter mais medo de espíritos e fantasmas, insetos e animais e do escuro do que os homens. “Elas também assumem ter medo de amar”, acrescenta.

Os homens têm mais medo que as mulheres quando o as-

sunto é emprego. “Mas é importante verificar mais uma variável: se consideradas as faixas de renda é possível observar que os mais pobres e menos instruídos são os que possuem mais medo do desemprego”.

DINHEIRO. Para os jovens, de acordo com a pesquisa, a falta de grana é apontada como um dos maiores medos, chegando a 63,3%.

Em algumas perguntas ais temáticas, voltadas para a religião, apenas 30% dos entrevistados disseram ter medo da

morte. “Os católicos têm mais medo de morrer do que os evangélicos. Além disso, são os católicos que mais temem a Deus e ao demônio”, afirma.

A pesquisa ainda registrou outros números importantes relacionados à vida moderna, como por exemplo, o medo de não conseguir educar os filhos, que atinge 62% dos capixabas, o medo da solidão, 62,7% e o medo de ficar louco, 47%. “O menor medo do capixaba é o do chefe, que foi admitido por 10% dos entrevistados”, acrescenta.

Mídia contribui para a insegurança

Professora explica que a violência urbana não é problema só do Brasil ou do Espírito Santo

Para a professora doutora do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, Márcia Rodrigues, a violência é algo inerente à sociedade humana. “Esse não é um fenômeno novo. O que acontece é que, com a sociedade informatizada e globalizada, o impacto de notícias relacionadas à violência é maior. Então, se algo acontece na Nova Zelândia, por exemplo, todos ficam sabendo imediatamente”, explica.

Segundo a estudiosa, a violência urbana não é problema só do Brasil ou do Espírito Santo – todas as grandes cidades sofrem com a violência urbana. “Onde há mais aglomeração de pessoas, há mais atrativos para a violência. Isso é uma manifestação de características do homem, como a incerteza, a insegurança em resposta a todos os tipos de desigualda-

des a que ele é submetido”, afirma.

Nesse ponto, os meios de comunicação contribuem, em boa parte, para a divulgação de um sentimento de medo. “No papel de divulgar as coisas que acontecem, programas de TV, por exemplo, dedicam-se a mostrar a violência do dia-a-dia e acabam por potencializar o clima de medo, estimulando o individualismo fóbico, o medo do outro e a intolerância”, analisa.

“Em uma sociedade como essa que a gente vive, com o culto a beleza e os padrões de comportamento, as paranoias se potencializam. É preciso ser bem sucedido, no trabalho, em casa, no sexo e a mídia ajuda a engrossar esse coro”, acrescenta.

Aí entra a história da banalização e o sensacionalismo da mídia no intuito de tentar provocar alguma sensação na audiência. “De alguma forma, fomos perdendo a capacidade de nos sensibilizar. A mídia acabou tendo que lançar mão de doses mais fortes para impressionar”, concorda o professor Alessandro Daros.

VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ?

- Da violência - 92%
- De andar de avião - 41,5%
- De ficar sem dinheiro - 76%
- De bichos, insetos e animais - 47,7%
- De adoecer - 73,4%
- Do demônio - 29,3%
- De sofrer acidentes de automóvel - 76,4%
- De morte - 30%
- De não conseguir educar seus filhos - 62%
- De amar alguém - 29,8%
- De ficar desempregado - 62%
- De Deus - 16,9%
- De espíritos e fantasmas - 17,1%
- De solidão - 62,7%
- Do escuro - 20,6%
- De ficar louco - 47%
- Da polícia - 23,1%
- Do seu chefe - 10%

O QUE MAIS REVELOU A PESQUISA

■ **Menos relevantes.** Se por um lado existe o medo de coisas mais profundas, como o da violência e de acidentes, algumas pessoas admitem ter medos de situações e coisas menos relevantes, como por exemplo o medo dos espíritos, de baratas, demônios e até de amar. “A gente não dá muita atenção a isso, porque muita coisa mudou. Aquilo que era um medo acabou se perdendo, quando re mane jamos esse medo para algumas ações que são diárias, cotidianas”, explica o professor Alessandro Daros

■ **Sofrimento.** Segundo o professor isso se explica porque, no fundo, o medo maior que cada um sente é o de

passar por algum tipo de sofrimento “A gente tem uma preocupação e se coloca no lugar do outro em algumas situações que imaginamos serem perigosas”, afirma.

■ **Acidentes.** Outro ponto curioso são acidentes de automóvel, por exemplo, ganhar uma posição de destaque na lista de medos. “Isso mostra como o carro está inserido dentro da sociedade”, analisa.

■ **Medo de Deus.** Outro dado que pode gerar repercussão na pesquisa é que os católicos têm mais medo da morte do que os evangélicos. “Dentro das doutrinas, o medo é o regulador de um modo de existência”, conclui.